

OS REIS DA RUA

Gustavo Gabriel de Lima Silva

Licenciado em História pela UFRN

gustavo_legiao@hotmail.com

Prof. Dra. Carmen Margarida Oliveira Alveal (Orientadora)

Professora do Departamento de História da UFRN

carmenalveal@cchla.ufrn.br

Assim como os seres vivos, os espaços têm sua vida própria. Eles são construídos, nascem, desenvolvem-se, crescem, e chegam a desaparecer em sua estrutura física, em uma espécie de morte, permanecendo somente na memória dos indivíduos, seja na memória oral ou material, representada pelos mais diversos tipos de documentos. Os bairros estão incluídos aí. Em sua dinâmica espacial, eles vão possuindo estruturas próprias que os diferenciam uns dos outros. O bairro Alecrim não é diferente nesse aspecto.

Nascido no século XIX, como uma área de sítios, granjas e vacarias, tipicamente rural, próximo aos limites urbanos de Natal, servia como passagem de viajantes que vinham do interior para negociar na capital. Além disso, por apresentar um aspecto rural, o bairro atraiu pessoas que vinham do interior, em busca de uma vida melhor na cidade.

O espaço foi recebendo estabelecimentos urbanos importantes (como o Cemitério Público), pois se situava distante, em torno do qual foram construídas casas. Era o nascimento do bairro. Em 23 de outubro de 1911, o Alecrim viria a ser oficializado como bairro, como descrito no documento produzido pela Intendência Municipal de Natal:

Art. 1º - É criado o bairro do Alecrim desmembrando da Cidade Alta desta capital, tendo limite ao norte uma linha que partindo da ponta de Areia Preta, se dirige pela rua Ceará-Mirim e Baldo, no rio Potengi. A leste, o oceano até encontrar avenida Sul que demora no extremo do terreno patrimonial do município até o Rio Potengi. E o mesmo rio Potengi, até encontrar o ribeiro que banha o sítio denominado Oitizeiro. Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário. Natal, 23 de outubro de 1911. Joaquim Manuel Teixeira Mouro, Presidente. (A REPÚBLICA, 1911).

Nessa época, início do século XX, o bairro não experimentou grande crescimento e ainda funcionava como espaço extra-urbano da cidade de Natal, formado por pessoas do interior, que constituíam grande parte do bairro. Até a Segunda Guerra Mundial, o bairro não experimentou grandes modificações, mas recebeu algumas obras importantes como a instalação de linhas de bonde no bairro, a construção do Grupo Escolar Frei Miguelinho e diversas praças, como a Gentil Ferreira, a Pedro II e a Almirante Tamandaré. Entretanto, o advento da guerra mudou a estrutura do bairro.

Segundo Bezerra (2005), ao sair da guerra, Natal tinha o número de habitantes praticamente dobrado e era uma cidade possuidora de novos estabelecimentos e serviços urbanos importantes. Além do crescimento populacional e da expansão da infraestrutura física, o impacto da guerra era observado nas relações sociais dos habitantes da cidade e do Alecrim, graças ao contingente populacional que veio do estrangeiro, mas também aos costumes que iriam marcar a vida do bairro. O Alecrim, então, começava a experimentar um período totalmente novo de seu crescimento.

O bairro cresceu e as pessoas cresceram juntamente com ele. Muitos indivíduos viveram sua infância no bairro e acompanharam o seu crescimento desde a mais tenra idade. Eles veem como esse crescimento do bairro afeta o desenvolvimento dos indivíduos que habitam dentro dele. Crianças que cresceram num bairro que estava tornando-se mais complexo.

Os reis se divertem

Francisco Derneval de Sá chegou a Natal com cinco anos de idade, na metade da década de 1950. Ao chegar a Natal, foi morar, inicialmente, no Alecrim, na Rua Olinto Meira. Sobre a experiência, ele conta:

Foram os primeiros anos em Natal muito bons para mim, porque era, como eu disse, um período em que a meninada, tinha a vizinhança, aquele companheirismo. Nós jogávamos bola na rua, brincávamos na calçada de biloca... Em que pese, naquela época, também era uma rua central, mas, nos grandes bairros de Natal não tinha calçamento, as ruas eram de areia, de terra, e a gente se aproveitava disso, fazia campo de futebol, era uma beleza. (SÁ, 2011).

A realidade da falta de calçamento não era somente da Rua Olinto Meira. Segundo Bezerra (2005), somente 14 anos após a oficialização do bairro que o calçamento começou a ser providenciado, na gestão do prefeito Omar O'Grady (1926-1930). Dez anos depois, Gentil Ferreira, na sua gestão, continuou o trabalho de calçamento e sabe-se que, entre 1960 e 1980, “quase todas as ruas do Alecrim, haviam sido pavimentadas e algumas afastadas” (BEZERRA, 2005, p. 102).

João Galvão do Nascimento Neto também relata sobre a relação que se estabelecia na rua: reescrever subtraindo informações “Então, havia uma relação muito interessante, na rua que não era calçada (pavimentada), todo mundo brincava, a brincadeira da meninada era no meio da rua: futebol ou qualquer outra coisa, ou tica, bandeirinha...” (NASCIMENTO NETO, 2010). João Galvão conviveu na Av. 10 (Rua dos Paianazes) até os 17 anos, de 1953 a 1970, demonstrando como era essa realidade na transição dos anos 1950 para os anos 1960.

As experiências citadas refletem o mundo de crianças em seus primeiros contatos com o bairro do Alecrim, a *primeira infância* desses pequenos moradores; um bairro que saía do pós-guerra há dez anos com uma ausência de infraestrutura que permitia às crianças realizar tranquilamente suas brincadeiras, em ruas de barro e areia, árvores e quintais conjugados, fazendo com que os mesmos fossem os verdadeiros *Reis da Rua*, enquanto dominavam esses espaços. É essa a realidade apresentada no relato de João Galvão:

Na minha geração a gente tinha um espaço de brincadeiras, um espaço lúdico que a gente chamava “o outro lado”. Que era simplesmente um “miolo de quadra” que ficava entre a 10, a 5, a 9 (Avenida 9 – Rua Coronel Estevão) e a Presidente Mascarenhas. Então, esse “miolo de quadra” era um espaço livre, muito comum no Alecrim, em que as casas não se prolongam na extensão do lote, e muitas delas param num determinado ponto e há um miolo que sobra sem construção, sem nada. [...] Dai você tinha acesso a todos os quintais de casas da Avenida 5 e da Avenida 10, eles ficavam visíveis. E essas casas também tinham acesso a esse “outro lado”. (NASCIMENTO NETO, 2010).

José Normando Bezerra, ao chegar a Natal com cerca 11 anos de idade, em 1964, relata que as ruas continuavam sem calçamento, mesmo em uma de suas ruas principais, a Av. 2 (Rua Presidente Bandeira):

Outra coisa no Alecrim que eu lembro bem era o Parque São Luís. São Luís era um parque de diversão que existia na Presidente Bandeira, Avenida 2. Ficava próximo onde é hoje o Nordeste. Para vocês terem idéia, naquele tempo a rua não era calçada, era areia. Eles armavam o Parque de Diversões São Luís e era o grande point. A diversão era ir para esse parque ou para os cinemas. (BEZERRA, 2010).

Entretanto, pelo retrato apresentado por Normando, a realidade vivida por ele no bairro já vai além daquela apresentada numa *primeira infância*, numa meninice propriamente dita. Também experimentou brincadeiras tradicionais de crianças, como visto no relato: “a gente podia brincar a vontade, jogar bola, não tinha asfalto. A gente tinha brincadeira que eu não vi mais: bandeirinha, triângulo, que pegava um ferro e fazia, num sei se vocês chegaram a conhecer o triângulo...” (BEZERRA, 2010). Entretanto, na metade dos anos 1960, já se experimentavam outras formas de diversão, como cinemas, clubes, festas de paróquia, etc.

Evânio Janeilson Mafra, morador do Alecrim desde que nasceu, em 1976, também viveu sua infância no bairro. O seu relato da meninice não se diferencia muito daqueles já apresentados: “Bom, acho que foi uma infância numa época em que se vivia realmente a infância. [...] a gente ia brincar na rua, na areia, na lama, na chuva, tomava banho de bica” (MAFRA, 2011). Samya Maria Queiroz Maia, nascida em 1985, também parece ter vivido uma experiência semelhante: “Eu fui criança ruim! Não uma criança normal, uma ruim! Brincava com os meninos, na rua, de futebol, virava a noite brincando” (MAIA, 2011, p. 1).

Entretanto, Mafra acrescentou que havia impedimentos ao divertimento das crianças:

inclusive no período bem no início dos anos 1980, sei lá, 1985, já no finalzinho da Ditadura Militar, ainda era proibido jogar bola na rua. Então, às vezes, quando tinha uma quantidade de gente muito grande jogando, a polícia vinha e dispersava realmente as pessoas. (MAFRA, 2011).

Nada disso os impedia de continuar divertindo-se de outras maneiras, pois, segundo ele “Sempre estávamos brincando na rua de alguma forma” (MAFRA, 2011). Nada mesmo? Onde estão hoje, então, num Alecrim em transformação, em pleno século XXI, os *Reis da Rua*, as crianças que, até a década de 1990, vivida por Samya Maia, ainda reinavam nas ruas com brincadeiras e travessuras?

Onde estão os reis?

Ao contrário do Alecrim do século XX, que era um bairro com características residenciais, o Alecrim do século XXI é um bairro comercial. Apesar de sempre ter tido uma íntima ligação com o comércio, o Alecrim permaneceu, por muitos anos, como um bairro de características residenciais, tendo perdido essas características ao sofrer modificações nas suas funções urbanas ao longo dos últimos 20 anos. Pode-se notar isso de novo a partir do depoimento de depoimento de Êvanio Mafra. Ao ser perguntado se o mesmo percebia alguma mudança no bairro, ele respondeu:

Minha época de infância e adolescência o bairro e a minha rua mais especificamente, ela era quase totalmente residencial. [...] Hoje ele é quase que 100% comercial, sobraram poucas casas e algumas das casas que ainda restam estão fechadas em ponto de transformação pra comércio. Os meus vizinhos mesmo, tanto da esquerda quanto da direita viraram comércio, a minha casa ela está quase que isolada, embora alguns comércios abriguem nos fundos também a residência das pessoas que tomam conta do comércio. (MAFRA, 2011).

Para Bezerra (2005), o fato de o comércio ser fator importante na vida do bairro, faz que o mesmo sempre atraia grande contingente populacional. O número de pessoas que transita pelo Alecrim aumenta a cada ano, junto com o número de carros que passa por lá. Para José Normando “O trânsito é o grande gargalo, é o grande problema do bairro do Alecrim. É inviável do jeito que está até agora” (BEZERRA, 2010, p. 18). Com o aumento no número de carros, e a dificuldade no trânsito, temos visto a diminuição no número de crianças brincando nas ruas. Entretanto, o que parece tirar as crianças da rua não é o movimento que o bairro recebe cotidianamente, mas, sim, um problema que a cada dia, está invadindo o bairro e deixando as crianças presas em casa: a violência.

Para Samya Maia, isso foi uma das piores mudanças que aconteceram no bairro:

[...] segurança, é um problema muito grande do bairro. Na minha época não tinha, a gente brincava, os moradores tinham “A Praça é Nossa”, em que iam para a frente das casas e se agrupavam. [...] De uma hora eles entravam para as casas e a gente continuava brincando de futebol, de queimada... E não tinha o perigo que tem hoje. As crianças de hoje nem saem para brincar fora. As crianças hoje, lá no Alecrim, são assim elas saem de casa para a casa do vizinho, entram, no portão, e ficam lá brincando. De sete e meia da noite, normalmente,

os pais vão lá, pegam e trazem para dentro de casa. Não tem mais as brincadeiras na rua. Então, é uma mudança para pior. (MAIA, 2011).

Entretanto, para Mafra, a violência sempre foi uma questão presente no bairro, mesmo que em regiões mais específicas do mesmo:

[...] não vou negar que a violência sempre esteve presente no bairro do Alecrim, principalmente nessa questão de Guarita. Essa palavra “Guarita”... Se você pegar qualquer pessoa da minha idade, ou um pouquinho mais velha, e falar “Guarita”, elas vão identificar como sendo uma parte do bairro mais perigosa, onde havia, digamos assim, os bandidos. (MAFRA, 2011).

Com o crescimento dessa violência, o modo como às crianças viviam sua infância foi, de algum modo, afetado.

Mafra ainda coloca que o advento de novas tecnologias tem prendido mais as crianças em casa, numa infância diferente da sua, “onde as pessoas estão muito atrás de uma tela, jogando videogame, atrás de um computador” (MAFRA, 2011).

Com a intensificação do trânsito, a questão da falta de segurança e o advento de novas tecnologias, as crianças não têm mais passado seu tempo na rua. Se não estão nas suas casas, estão nas de seus amigos e colegas. A rua parece ter sido o espaço por essa excelência das brincadeiras, mas posteriormente é um espaço de insegurança, no qual os pais não querem ver os seus filhos, por isso, esses tem que arrumar outros meios de diversão.

O Alecrim mudou. As crianças, entretanto, continuaram a existir e ser crianças, mas, agora terão que se adaptar a um bairro que vive tempos ferozes, não mais os “velhos tempos, belos dias” de Roberto Carlos, citados por José Normando. Os *Reis da Rua* perderam seus domínios; talvez para sempre.

Referências Bibliográficas

A *REPUBLICA*. Natal, 24 out. 1911.

BEZERRA, Josué Alencar A geo-história do bairro do Alecrim. In.: *Reafirmação do bairro: um estudo geohistórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal-RN*.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2005. p. 70-126.

BEZERRA, José Normando. José Normando Bezerra: depoimento [dez. 2010]. Entrevistadores: Gabriela Fernandes de Siqueira; Gustavo Gabriel de Lima Silva e Thaiany Soares Silva. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

MAFRA, Evandro Janeílson. Evandro Janeílson Mafra: depoimento [abr. 2011]. Entrevistadores: Gustavo Gabriel de Lima Silva; Marina Dantas Pinheiro e Thaiany Soares Silva. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

MAIA, Samya Maria Queiroz. Samya Maria Queiroz Maia: depoimento [mar. 2011]. Entrevistadores: Gustavo Gabriel de Lima Silva e Thaiany Soares Silva. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

NASCIMENTO NETO, João Galvão. João Galvão Nascimento Neto: depoimento [set. 2010]. Entrevistadores: Gabriela Fernandes de Siqueira e Thaiany Soares Silva. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

SÁ, Francisco Derneval. Francisco Derneval de Sá: depoimento [fev. 2011]. Entrevistadores: Gustavo Gabriel de Lima Silva e Thaiany Soares Silva. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.